

## **O PAPEL DA REPETIÇÃO NO PROCESSAMENTO DO TEXTO FALADO**

*Carmen Elena das Chagas (UFF e UNESA)*  
[carmenelena@bol.com.br](mailto:carmenelena@bol.com.br)

Construir o texto falado é desenvolver-lhe o planejamento, na medida em que evolui o processo de reformulação. Com base nos pressupostos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, este trabalho objetiva investigar a estratégia de reformulação "Repetição" na construção do texto falado. O *corpus* para a pesquisa é proveniente de gravações face a face entre um documentador e falantes de faixa etária dos 14 aos 17 anos, de sexo diferenciado, de uma escola pública do município de Quissamã- RJ, visando, dessa forma, especificar como a Repetição estabelece uma fundamental estratégia no processamento do texto falado.

Palavras-chave: Repetição; Processamento oral; Referenciação

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS.**

A progressão textual precisa garantir a continuidade de sentidos e o permanente ir e vir responsável pela tessitura do discurso. Para propiciar o constante movimento de progressão e de retroação, o produtor dispõe das várias estratégias ou procedimentos que são destinados a assegurar uma continuidade de referentes, ou melhor, de objetos de discurso. Essa continuidade é adquirida pela cadeia referencial que não permite que esses objetos sejam arquivados, permanecendo assim em estado de ativação na memória de trabalho durante o processamento textual.

No interior dessas interações, os interlocutores elaboram os objetos-de-discurso como entidades que são interativa e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação. Essa reelaboração se dá, essencialmente, no discurso e deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua denominada de referenciação (Mondada & Dubois, 1995).

A referenciação é um problema de decisão que se coloca para os atores sociais e como eles conseguem resolvê-lo com a seleção de uma categoria em vez de outra dentro de um dado contexto. Essa

referenciação pode ser vista como um processo de construção textual que liga denominações aproximadas que não são excluídas pelas opções feitas por esses atores.

A interação comunicativa permite aos interlocutores do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar *on line* ou *a posteriori* conflitos efetivamente ocorridos. Isso ocorre por meio da introdução no texto de sinais de articulação ou de apoio textual e pela realização de atividades específicas como paráfrases, repetições, hesitações e correções.

Schegloff, Jefferson e Sacks (1977, p. 362, *apud* Koch, 2002) destacam que, em princípio, cada elemento lingüístico pode ser considerado uma “fonte problema” (*trouble-source*). Para esses autores um problema não só se identifica na ocorrência de “erros” ou “falhas” na formulação, mas também na procura de um termo adequado. Trata-se do conhecimento sobre os vários tipos de ações lingüísticas que permitem aos falantes assegurar a compreensão do texto. Essas ações podem ser formulativas (prospectivas) ou reformulativas (retrospectivas).

### CORPUS

O *corpus* oral para este estudo é proveniente de 03 (três) horas de gravação, feita no ano de 2005, por meio de interação face a face e se constitui de um inquérito formado por um diálogo entre documentador (professor) e 30 falantes (alunos), cuja faixa etária é dos 15 aos 17 anos, de sexo diferenciado (15 meninas e 15 meninos), cursando o 9º ano de escolaridade (8ª série) do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal – CIEP Municipalizado 465 –Dr. Amílcar Pereira da Silva, em Quissamã/RJ. No decorrer da análise do texto, os alunos serão identificados como L1 (locutor 1) L2 (locutor 2), L3 (locutor 3) e assim sucessivamente. Esse *corpus* está dividido em 04 oficinas e cada uma delas subdivida em unidades entonacionais. As seqüências, utilizadas na análise, serão numeradas de acordo com essas unidades. Oficina 1- 001 a 012 (Of. 1/ 001-012), Oficina 2 – 022 a 024 (Of. 2/022-024), Oficina 3 – 002 a 009 (Of. 3/002-005) e Oficina 4 - 031 a 040 (Of. 4/031-040) respectivamente.

## ANÁLISE DO CORPUS

A repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou parecidos mais de uma vez no âmbito de um mesmo evento comunicativo. (Marcuschi, *apud* Koch, 2002, p. 105)

A repetição não é um descontinuador textual, mas, principalmente, uma estratégia de formulação do discurso oral sedimentada na superfície do produto material do texto como reflexo do próprio processo interativo desenvolvido. A primeira entrada do segmento discursivo depois de repetido é denominada de matriz (M), pois ela se caracteriza por servir de base ou modelo para a projeção de outro segmento reconstruído à sua identidade ou à sua semelhança, designada de repetição (R).

(01) (Of. 1/ 050-053)

L5 não ... fingir que tá trabalhando

M- **vamos supor** se for a **patroa deles**

R- **vamos supor** que eu sou a **patroa deles**

R- **vamos supor...**

(02) (Of. 1/ 290-291)

L5 M- teve uma vez que a gente chegou **na casa do L9**

R- tava eu e a L6 **na casa do L9** ... foi eu e a L6 **na casa do L9...**

Nos exemplos acima, L5 apresenta as repetições com segmentos discursivos semelhantes. Em (01), o locutor recategoriza o sentido com a alteração das expressões “*vamos supor*” e “*a patroa deles*” com a alteração da construção verbal “*se for*” para “*que eu sou*” e em (02), insere o nome próprio “*L6*” e, também, muda a forma verbal “*chegou*” para “*tava eu e a L6*” e “*foi eu e a L6*”. Os exemplos afirmam a necessidade do locutor explicitar e reafirmar o discurso.

Koch (2005c) postula:

A repetição é particularmente constitutiva do discurso conversacional, no qual os parceiros, conjuntamente e passo a passo, constroem o texto, elaboram as idéias, criam, preservam e negociam as

identidades, de tal forma que o texto, de maneira icônica vai refletir essa atividade de co-produção. (Koch, 2005c, 145)

(03) (Of. 1/ 169-174)

L11 pensei que eu era um crocodilo... dona

Doc.:L9?

L8: tadinho ...

L5 M- **mais ou menos**

L1 R- **é mais ou menos?**

L6 R- mais pra **mais ou** mais pra **menos?**

No exemplo, observa-se a progressividade do texto, por meio do uso da repetição, pois a continuidade é formada pela seqüência de segmentos apresentado a pelos cinco interlocutores que participam da interação.

Quanto à produção, os segmentos repetidos podem se distribuir entre auto-repetição e heterorrepetição<sup>1</sup>.

As auto-repetições são aquelas produzidas pelo mesmo falante, geralmente, devido a exigências de ordem cognitivo-interacional e podem ser orientadas quer para o próprio falante ou para o interlocutor, cujo objetivo é o de segmentar o discurso para o devido processamento.

(04) (Of. 1/ 225-233)

L1 ((espontâneo))

M- quando mamãe e papai fala ... **fica quieto**

Doc.:bom, você vivencia isso demais ...

L1 ah::quando eu começo ... eu não paro assim ...

mas é faladora ... assim no sentido

tá assim ... conversando com uma pessoa

e ficar falando ... contando ...

contando ... contando assim ... entendeu?

R- mas se falar assim oh::: **fica quieto** ... você está atrapaLHANdo

---

<sup>1</sup> Marcuschii apresenta o termo sem a presença do hífen em Koch, 2002, p. 109.

(05) (Of. 1/ 115-120)

Doc.: gostou do rótulo?

L8 gostei

M-só **não gostei de balançar a cabeça**

mas tá certo ::: irresponsável

R- **balançar a cabeça** pra mim... se eu fosse ...

R- como eu não sou... eu **não gostei**

No exemplo (04), L1 faz a segmentação do discurso repetindo a expressão “*fica quieto*” para garantir a compreensão textual, pois com a reiteração dessa construção, L1 reforça informações expressas pela matriz. Já L8, em (05), utiliza os segmentos “*balançar a cabeça*” e “*não gostei*” para reforçar a matriz “*só não gostei de balançar a cabeça*” com a intenção de ganhar tempo para o planejamento e garantir a confirmação de sua resposta em relação à pergunta feita pelo documentador.

As heterorrepetições são aquelas produzidas pelo interlocutor com o objetivo de ratificar o que foi dito pelo falante (06) ou para solucionar um problema de compreensão como no exemplo (07).

(06) (Of. 1/ 141-142)

L4 M- meu rótulo... **mandão**

Todos R- **mandão**:::

(07) (Of. 1/ 027-030)

Doc.:M- você gostou do procedimento do grupo? **perante**...

L4 R- **perante** a mentira ou perante...

Inf. R- **perante** a sua pessoa quando você:::

você gostou do que fizeram com você?

Marcuschi (1992) postula que “há uma grande diferença entre repetir elementos lingüísticos e repetir o mesmo conteúdo. Porque repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa”.

Observe, também, a posição de Oliveira:

Se a conversação é uma modalidade discursiva em contínua elaboração, se cada expressão, então, aponta para um conteúdo específico, só se pode falar em repetição no sentido estritamente formal. Ela é uma estratégia utilizada na interação para a expansão de novos e crescentes significados; a retomada se dá no plano formal e não no do significado. Repetir não é dizer o mesmo. (Oliveira, 1998, p. 41)

Marcuschi e Oliveira mostram a repetição como uma estratégia de introdução de dados novos, mesmo que no co-texto haja uma semelhança de referentes, pois o ato comunicativo apresentará uma progressão referencial de significado diferenciado.

(08) (Of. 1/ 345-347)

L5 M- a gente até **acaba assim** por merecer

R- **acaba assim** por ser ofendida por merecer

R- e **acaba** sem saber que tava fazendo... sem saber que tava fazendo

L5, mesmo quando retoma o termo “*acaba assim*”, introduz dados novos ao seu discurso. Com o acréscimo da expressão “*por ser ofendida*”, o interlocutor acaba por favorecer a inserção de outros remas.

A repetição é uma estratégia de grande ocorrência nas atividades de formulação textual e contribui de forma para a formação de cadeias discursivas, tais como:

a) dar ênfase ao enunciado;

(09) (Of. 1/ 099)

L2 M- **não muito** ... não gostei **muito... não::** R

(10) (Of. 1/ 058-062)

L5 M- **calada... caladão**

L6 uma coisa que eu não sou nem um pouquinho...

no entanto eu gostei

porque é como se tivesse mandando eu falar

R- porque eu sou **calada** ... só que ... no caso eu não sou calada

Os exemplos (09) e (10) mostram repetições, em que os interlocutores precisam dar ênfase à matriz, pois desejam reforçar

que a mensagem veiculada pelo rótulo e a ação feita pelos alunos são realmente coerentes.

b) dar continuidade;

(11) (Of. 1/ 230-232)

L1 tá assim conversando com uma pessoa

M- e ficar falando **contando**

R- **contando contando** assim... entendeu?

No exemplo (11), através da repetição de um termo no gerúndio “*contando*”, o locutor L1 além de sugerir uma ação continuada, reforça o grau de intensidade que existe na matriz.

c) estabelecer um elo coesivo;

(12) (Of. 4/ 085-093)

L25 também me senti estranho

porque eles começaram a balançar a cabeça

M- e esse papel aqui **não tem nada a ver**

R- **é não tem nada a ver** comigo... não

M- sou responsável... não **pelas algumas coisas...**

R- sou **pelas algumas coisas** responsável... sim:::

Já em (12), L25 acrescenta a forma verbal “*é*”, através do verbo de ligação, para montar uma rede de coesão entre o que foi dito anteriormente na matriz “*e esse papel aqui*” e a repetição “*é não tem nada a ver*”. Na passagem seguinte, ele já repete “*pelas algumas coisas*” para desenvolver o seu discurso, recategorizando a matriz para demonstrar em que situação o falante é responsável no co(n)texto.

d) caracterizar a constituição de um tópico.

(13) (Of. 1/ 110-114)

L8 por que seria? porque eu acho que nada hoje em dia ...

M- a gente pode deixar de lado ... e não ter o cuidado com **as coisas**

R- a gente tem que ser responsável por **uma mísera coisa** que for nem que seja por um chiclete

se não for meu...eu tenho que ter responsabilidade com ele

(14) (Of. 1/ 266-271)

L5 aí::: nesse caso a responsabilidade

M- **se eu sou irresponsável** assim... com as minhas coisas

R- dentro de casa... **eu sou um pouco irresponsável**

mas quando alguém me pede alguma coisa

que eu tenho o direito e o dever de fazer aquilo

eu sou responsável... e nem por isso

Em (13) e (14), os locutores tentam manter uma construção tópica, com o emprego semelhante de enunciados para dar progressividade ao tema discutido dentro de uma cadeia discursiva, na busca de uma recategorização dos referentes “*coisas*” e “*irresponsável*”.

A repetição contribui para a organização e a monitoração da coerência textual, favorece a coesão e o gerenciamento de seqüências mais compreensíveis bem como auxilia nas atividades interativas. “Na abordagem funcional, pode-se dizer que a repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (Marcuschi **In:** Koch, 2002, p.). Nesta definição entram alguns termos a serem esclarecidos:

a- o termo idêntico refere-se a uma repetição em que o segmento repetido é realizado sem variação em sua relação com a primeira entrada, seria a repetição exata como nos exemplos (10) e (11);

b- o termo semelhante aponta para a produção de um segmento com variação, seja no item lexical, na estrutura ou parte dela. Observa-se isso no exemplo (01) em que L5 repete quase que a mesma construção como também nos exemplos (13) e (14).

As repetições atuam tanto na composição do texto por meio de sua materialidade e seqüenciação das cadeias lingüísticas quanto nos aspectos interacionais, cognitivos e pragmáticos, pois na textualização, a repetição reforça a coesividade, na discursivização,

colabora para a compreensão, a continuidade tópica, a argumentatividade e a interatividade. A repetição constitui uma estratégia que objetiva o processamento textual-interativo tanto no processamento informativo como na preservação da funcionalidade comunicativa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior desse estudo foi o de reafirmar a importância da repetição na modalidade oral, tentando mostrar algumas regularidades no uso dessa estratégia de referenciação na progressão do texto.

Mondada & Dubois (1995) falam em uma instabilidade constitutiva das categorias, tanto cognitivas como lingüísticas, para defender que a prática de produção e de interpretação dos textos não é atribuível a um sujeito cognitivo abstrato, ideal e solitário, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

Quanto maior for a troca de turnos, isto é, a dialogicidade, menor será a formalidade e maior o número de repetições encontrado, revelando, claramente, nas marcas deixadas no texto o processo de co-autoria.

De maneira geral, essa análise viabiliza uma conclusão que pode ser positiva sobre os mecanismos que interferem na progressão textual, em princípio, apresentados como problemas de desestruturação do discurso oral, mas que numa análise mais aprofundada poderá chegar a outra vertente.

Desta forma, o texto oral é resultado de uma seqüência de relações cognitivo-lingüísticas que ocorrem por meio das estratégias como construir, reconstruir, categorizar, inferir e, principalmente, repetir os objetos-de-discurso.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. *Construction de la référence et stratégies de désignation*. TRANEL (Travaux neuchâtelas de linguistique), n 23, 1995

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et. al. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003

FÁVERO, Leonor. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003

KOCH, Ingedore Villaça et. al. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005(a).

———. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. **In:** NEGRI, Ligia et. al. *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004

———. *Desvendando os segredos do texto*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005(b)

———. (Org.) *Gramática do Português Falado. Desenvolvimentos*. Vol. VI. 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2002

———. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. **In:** KOCH, Ingedore V. (Org.) *Gramática do Português Falado. Desenvolvimentos*. Vol. VI. 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2002

———. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Tese para concurso de professor titular em lingüística, UFPE, Recife: 1992

———. *O tratamento da oralidade no ensino de língua*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, texto mimeografado.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. **In:** CAVALCANTE, Mônica Magalhães et. al. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003

OLIVEIRA, Mariângela Rios. *Repetição em diálogos: análise funcional da conversação*. Niterói: EDUFF, 1998